https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DA COMUNIDADE INDÍGENA DARÔRA (TISM)

Reflexos nos recursos naturais utilizados na construção de habitações Macuxi e Wapichana

CHANGES IN THE GEOGRAPHIC SPACE OF THE DARÔRA INDIGENOUS COMMUNITY (TISM)

Reflections on the natural resources used in the construction of Macuxi and Wapichana housing

CAMBIOS EN EL ESPACIO GEOGRÁFICO DE LA COMUNIDAD INDÍGENA DARÔRA (TISM)

Reflexiones sobre los recursos naturales utilizados en la construcción de las viviendas Macuxi y Wapichana

Igor Arnóbio Pinheiro de Carvalho[1]

Maria Bárbara de Magalhães Bethonico[2]

RESUMO

As transformações do espaço geográfico, visando torná-lo apropriado à reprodução da vida, é um processo comum a todas as sociedades. Na comunidade Darôra (RR) - localizada na Terra Indígena São Marcos (TISM), estado de Roraima, Amazônia brasileira - essas transformações aceleraram-se a partir das iniciativas da Coroa Portuguesa (Oliveira; Bethonico, 2019), influenciando no uso dos recursos naturais utilizados na construção de habitações. Objetiva-se mapear os locais de extração dos recursos naturais da comunidade Darôra, necessários na construção das habitações, destacando-se as características descritas pelo etnoconhecimento local, processo de extração, uso e manejo. Utilizou-se o método de abordagem indutivo e caráter qualitativo. Como método de procedimentos utilizou-se pesquisa do tipo: documental; bibliográfica; de campo. Conclui-se que o uso dos recursos naturais utilizados na construção das habitações tem passado por um processo contínuo de transformação, culminando no emprego de "novos materiais", impactando negativamente os moradores. Trata-se de um reflexo das novas configurações do espaço geográfico local. A maior parte dos recursos naturais utilizados na construção de habitações atualmente encontram-se juntos a corpos d'água. A escassez de alguns dos recursos naturais é objeto de preocupação da comunidade. Observa-se o uso de etnoconhecimentos na extração de recursos naturais.

[1] Universidade Federal de Roraima | Curso de Arquitetura e Urbanismo| https://orcid.org/0009-0001-5691-9580 | igor.carvalho@ufrr.br

[2] Universidade Federal de Roraima | Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena | https://orcid.org/0000-0002-0144-0716 | maria.bethonico@ufrr.br

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

PALAVRAS-CHAVE: Recursos naturais; Amazônia; Roraima; Arquitetura indígena; Terra Indígena São Marcos (TISM); Arquitetura Vernacular.

ABSTRACT

The transformation of geographic space, in order to make itself suitable for the reproduction of life, is a process common to all societies. In the Darôra community (RR) – located in the São Marcos Indigenous Territory (TISM), Roraima state, Brazilian Amazon – these transformations was increased by initiatives by the Portuguese Crown (Oliveira; Bethonico, 2019), influencing the use of natural resources in housing construction. This work objective to map the locations of natural resource extraction in the Darôra community, used for construction housing, highlighting the characteristics described by local ethno-knowledge, the extraction process, use and management. An inductive approach and qualitative methodology were used. The research methods included: documentary; bibliographic; and field research. It concludes that the use of natural resources in housing construction has undergone a continuous process of transformation, culminating in the use of "new materials," negatively impacting the residents. This reflects the new configurations of the local geographic space. Most of the natural resources currently used in housing construction are located near founded next to the community's like river and lakes. The scarcity of some natural resources is a cause for concern for the community. The use of ethno-knowledge in the extraction of natural resources is observed.

KEYWORDS: Natural resources; Amazon; Roraima; Indigenous Arquitecture; São Marcos Indigenous Territory (TISM); Vernacular Arquitecture.

RESUMEN

La transformación del espacio geográfico, con el fin de adecuarlo a la reproducción de la vida, es un proceso común a todas las sociedades. En la comunidad Darôra (RR), ubicada en la Tierra Indígena São Marcos (TISM), estado de Roraima, Amazonia brasileña, estas transformaciones se aceleraron tras las iniciativas de la Corona Portuguesa (Oliveira; Bethonico, 2019), lo que influyó en el uso de recursos naturales en la construcción de viviendas. Este estudio busca mapear las ubicaciones de extracción de recursos naturales en la comunidad Darôra, necesarios para la construcción de viviendas, destacando las características descritas por el etnoconocimiento local, el proceso de extracción, el uso y la gestión. Se empleó un enfoque inductivo y una metodología cualitativa. Los métodos de investigación empleados incluyeron: documental, bibliográfico y de campo. Se concluye que el uso de recursos naturales en la construcción de viviendas ha experimentado un proceso continuo de transformación, que culmina en el uso de "nuevos materiales", lo que impacta negativamente a los residentes. Esto refleja las nuevas configuraciones del espacio geográfico local. La mayoría de los recursos naturales utilizados actualmente en la construcción de viviendas se encuentran cerca de cuerpos de agua. La escasez de algunos recursos naturales preocupa a la comunidad. Se observa el uso del etnoconocimiento en la extracción de recursos naturales.

PALABRAS CLAVE: Recursos naturales; Amazonia; Roraima; Arquitectura indígena; Tierra Indígena São Marcos (TISM); Arquitectura Vernacular.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

INTRODUÇÃO

As transformações espaciais expressam reflexos duradouros na paisagem, que se constituem no resultado cumulativo da história dos processos impostos ao espaço pelos homens e do uso de novas técnicas. Exprimem “as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos, 1996 p. 66).

Por outro lado, a cultura é entendida como aquilo que os seres humanos produzem durante o seu processo vivencial direto, onde criam os seus meios de subsistência (Gasché, 2013). Um dos aspectos da cultura das populações indígenas são os etnoconhecimentos, transmitidos através das gerações, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal (Franca; Silveira, 2015). Expressam-se em diversos aspectos da vida dessas comunidades. Já os recursos naturais são todas as matérias-primas obtidas da natureza de forma direta e aproveitáveis pelos humanos (Brasil, 2004), passíveis de uso ou que estejam sendo usadas “direta ou indiretamente pelo homem como forma de satisfação de suas necessidades físicas e culturais, em determinado tempo e espaço” (Venturi, 2006, p. 15-16).

As transformações do espaço visando torna-lo apropriado à reprodução da vida, onde as atividades sociais possam ser desenvolvidas, é um processo comum a todas as sociedades, entre elas as indígenas. Isso inclui a arquitetura, considerada como uma escala menor do espaço assim como também um produto cultural, importante vestígio dos modos de vida de uma determinada população, por meio da qual é possível aprender sobre hábitos e grau de conhecimento técnico de uma sociedade (Colin, 2007).

Na comunidade Darôra, localizada no estado de Roraima, os processos de transformação do espaço geográfico aceleraram-se a partir das iniciativas da Coroa Portuguesa (Oliveira; Bethonico, 2019). Transformou-se, artificializou-se, com sistemas de objetos e ações cada vez mais artificiais para atender às novas sociedades que se impuseram em um território já ocupado, e “cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (Santos, 1996, p. 39). Constituída por habitantes das etnias Macuxi e Wapichana, esta comunidade situa-se atualmente na Terra Indígena São Marcos (TISM), etnorregião do Baixo São Marcos. Caracteriza-se por uma paisagem de lavrado (nome local para a savana), entrecortada por igarapés e rios.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Considerando-se os processos de transformação do espaço geográfico da comunidade Darôra, e da mudança no uso dos recursos naturais necessários para concretizá-las na escala das habitações; esta pesquisa justifica-se por: sua importância para o fortalecimento de um diálogo intercultural entre sociedades indígenas e não-indígenas por meio de uma maior compreensão dos etnoconhecimentos relacionados às diversas formas de uso e manejo dos recursos naturais; fornecer subsídios para elaboração de políticas públicas voltadas às especificidades dessa população, bem como para a compreensão de seus ecossistemas.

Esta pesquisa objetiva mapear os locais de extração dos recursos naturais da comunidade Darôra necessários para a construção das habitações, destacando suas características descritas pelo etnoconhecimento local, bem como processo de extração, uso e manejo.

Utilizou o método de abordagem indutivo e possui caráter qualitativo. Como método de procedimentos adotou-se pesquisa do tipo: documental; bibliográfica; de campo, por meio de entrevista semiestruturada, observação participante, observação não-participante. Nas entrevistas semiestruturadas, os entrevistados/ guias aos locais de extração de recursos naturais foram escolhidos com base no atendimento dos seguintes critérios: indicações realizadas pela liderança comunitária em exercício durante a pesquisa realizada (tuxaua); serem chefes de família, maiores de 18 anos; disponibilidade e concordância do morador para contribuir com a pesquisa; atuar na extração dos recursos naturais e sua transformação em materiais de construção. Foram entrevistados o tuxaua em exercício e duas pessoas indicadas por ele, ex-lideranças da comunidade. Todas as informações foram espacializadas na forma de etnomapa, realizado a partir de imagem de satélite impressa e entrevista semiestruturada, digitalizado posteriormente no aplicativo QGIS. Ainda segundo os critérios descritos, entrevistou-se uma moradora (Rosinha André) que recentemente havia se mudado para uma residência construída com os “novos materiais”, a fim de compreender melhor as consequências da transformação do espaço. Realizou-se ainda o croqui da área central da comunidade, descrevendo os materiais empregados predominantemente nas alvenarias e coberturas, a partir de imagens do Google Earth.

Buscou-se sempre que possível, estabelecer paralelos entre os etnoconhecimentos e o conhecimento científico. As informações obtidas nas entrevistas foram complementadas por meio de observação participante e não-participante. Como materiais foram utilizados

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

gravador de áudio, máquina fotográfica, livros, artigos científicos, computador, mapas, imagens de satélite.

ARQUITETURA VERNACULAR E ARQUITETURA POPULAR COMO MANIFESTAÇÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

A arquitetura tem início quando os seres humanos configuram lugares na natureza para que possam ser ocupados e utilizados (Unwain, 2013). Para isso transforma-se a natureza através do trabalho (Marx, 2010) ou de uma atividade social (Gasché, 2010; Gasché, 2013).

De acordo com a “Carta sobre o Patrimônio Vernacular Edificado”, publicada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios em 1999, a arquitetura vernacular possui como características gerais ser um modo um modo de construir originado na própria comunidade, possuindo um caráter fortemente local ou regional em resposta ao meio ambiente. Possui uma coerência de estilo, de forma e de aspeto, assim como o uso de tipos arquitetônicos tradicionalmente estabelecidos. Observa-se uso de um conhecimento tradicional, que é transmitido de modo informal. Trata-se de uma aplicação eficaz das técnicas tradicionais da construção assim como uma solução de grande eficiência às necessidades funcionais, sociais e ambientais (ICOMOS, 1999).

Em função disso, a arquitetura vernacular surge com características próprias em cada parte do planeta, tornando-se um dispositivo de afirmação de identidades (Ghisleni, 2020). Além disso, responde de forma satisfatória às exigências climáticas locais (Teixeira, 2017). Zhai e Previteli (2010) observam que em zonas climáticas semelhantes compartilham similaridades quanto ao uso dos materiais. Em climas quentes (e não desérticos) observa-se materiais que não armazenam o calor, garantem isolamento térmico – como a madeira e a palha - e com maior permeabilidade, permitindo a ventilação.

A arquitetura vernacular brasileira inicia-se com as primeiras construções indígenas, (Lima Júnior, 2007), originárias da migração de populações asiáticas para o continente americano (Weimer, 2018). De uma maneira geral, a mobilidade dessas populações em um determinado território era influenciada pela disponibilidade de recursos naturais necessários à sobrevivência. Havendo fartura, o tempo de permanência era maior em determinada localidade; as habitações eram mais elaboradas, maiores (figura 1), com grupos maiores residindo em seu interior, recebiam mais ornamentos e eram agrupadas em uma forma

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

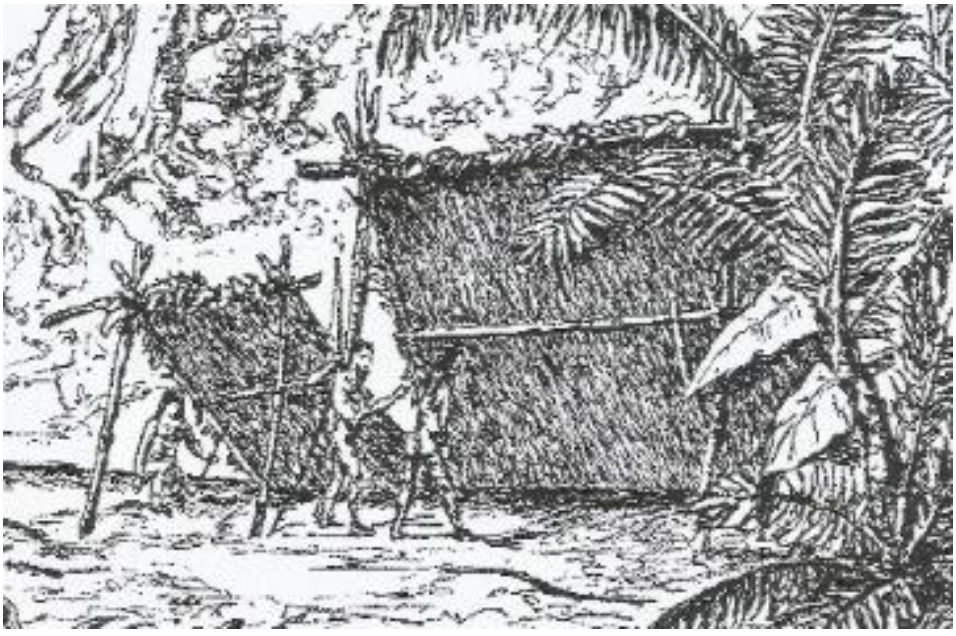
geométrica reconhecível (circular, linear, ‘U”, dentre outras). Em caso de tempo de permanência menor, em função da disponibilidade de recursos naturais ou por questão de migração (figura 2), as habitações tendiam a ser mais simples, mais perecíveis, com menos ornamentos, agrupadas sem um arranjo espacial reconhecível (Weimer, 2018).

Figura 1 – Habitações Kamayaurá agrupadas em forma geométrica circular



Fonte: Ribeiro (1987)

Figura 2 – Para-vento de utilização passageira



Fonte: Weimer (2018)

Souza (2022) distingue a arquitetura vernacular e a arquitetura popular a partir de

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

uma perspectiva cronológica e contextual:

> Identifico o vernacular com as produções ocorridas em contextos pré-modernos, tradicionais ou pouco "contaminados" pelo processo de modernização/globalização capitalista. O popular, entretanto, compreendo como as manifestações que se hibridizam na modernidade, são produções que empregam materiais industrializados, construídas sem a participação de profissionais acadêmicos e utilizam de um saber fazer que mescla influências tradicionais, como as presentes em contextos rurais (Souza, 2022, p.4).

Para Weimer (2005), a arquitetura popular remete à aquela produzida pelo conjunto de cidadãos, ou seja, das camadas intermediárias de uma população. Para o autor, a arquitetura popular diferencia-se tanto da arquitetura erudita, produzida pelos acadêmicos, como também das "construções miseráveis" autoconstruídas encontradas nas periferias das cidades, consequência das desigualdades sociais no modo de produção capitalista.

A OCUPAÇÃO TRADICIONAL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA TISM PELOS POVOS MACUXI E WAPICHANA

A partir da chegada dos europeus, diversos registros sobre as populações indígenas da região do rio Branco foram produzidos, dos quais pode-se destacar Everard Im Thurn (1878), Charles Waterson (1812), Gullifer e Smith (1828), Adam de Bauve (1834), irmãos Schomburgk (1835 e 1838-39), Everard Im Thurn (1878), Henri Coudreau (1883-85),século Koch-Grunberg (1911-12), William Farabee (1911-12 e 1913), Alexander Hamilton Rice (1924-25) e capitão Brás de Aguiar (década de 1930) (Brasil, 1990, p. 30-31). Para Santilli (2001) os registros produzidos mostram a estabilidade da ocupação territorial dos Macuxi e Wapichana ao longo do tempo, cujos contornos se projetaram para os séculos XIX e XX.

Os Macuxi referem-se aos grupos Pemon que habitam o sul da área circum-Roraima, vertentes meridionais do Monte Roraima bem como os campos que avançam sobre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi (Santilli, 2001), e apresentando filiação linguística Karib (Campos, 2011). Atualmente, o território Macuxi, em Roraima, é composto pela TI Raposa Serra do Sol e a TI São Marcos, além de várias Terras Indígenas demarcadas na forma de ilha, como Taiano-Murupu, Amajari, Serra da Lua. De acordo com Santilli (2001), no casamento entre Macuxi, o costume é que o noivo vá morar na comunidade dos pais da noiva e a organização social forma-se em torno da figura de um líder-sogro.

Os Wapichana são de tronco linguístico Aruak, e seu território se estendia desde as

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

nascentes do rio Maú até as cabeceiras do Parimé (Koch-Grunberg, 2006). De acordo com a sua mitologia, o mundo original era plástico, e a força para moldá-lo encontrava-se na palavra. Esta, sendo eficaz e criativa, provocava transformações contínuas, dando ao mundo as feições que ele ainda guarda nas cachoeiras, rios, montanhas. O mundo atual é o reverso da plasticidade original, pois segundo os Wapichana, a fala perdeu a sua força produtiva (Campos, 2011).

Tanto nas comunidades Macuxi quanto nas Wapichana, habitantes das áreas de lavrado do atual estado de Roraima, as habitações compõem um arranjo espacial que à primeira vista parece aleatório, correspondendo a parentelas - unidades políticas cuja interação conduz a vida social e política das comunidades conforme (Santilli, 2001). Não está claro, porém, se este era a forma de organização espacial utilizadas por estas etnias antes da chegada dos europeus ou se foi adotada após a chegada destes.

De acordo com os moradores Edmilson[3] e Jesus[4], a partir de relatos que ouviram das "pessoas mais velhas da comunidade", as habitações das etnias Macuxi e Wapichana possuíam plantas baixas com forma retangular. Possuíam cobertura em palha na forma cônica, de quatro águas, de duas águas e de uma água; e coexistiam entre os Macuxi e os Wapichana. As alvenarias eram feitas de pau a pique, palha, além de um gradeado de madeira similar à estrutura do pau a pique, mas sem preenchimento de barro ou preenchido com palha.

O senhor Fernando[5] (de aproximadamente oitenta anos) acrescenta que seu pai, de origem Taurepang, havia descrito habitações de planta baixa circular, cobertura em forma cônica e que *"isso aqui* [a cobertura]*, vinha até no chão* [...] *só tinha duas portas, uma para ali e outra para cá* [...] *não tinha parede* [...] *parede é* [a] *cobertura mesmo".* Por fim afirma ainda que *"essas* [habitações] *aqui* [de formato retangular e cobertura de palha de quatro águas]*, eu vim ver depois* [...] *e só* [tinha] *uma porta"*. O senhor Edmilson descreve outros formatos de plantas baixas nas habitações Macuxi, como de elíptica, além *de "outros é tipo um 'L'; com essa mesma* [forma] [...] *eu cheguei a ver aqui também* [...]*"*.

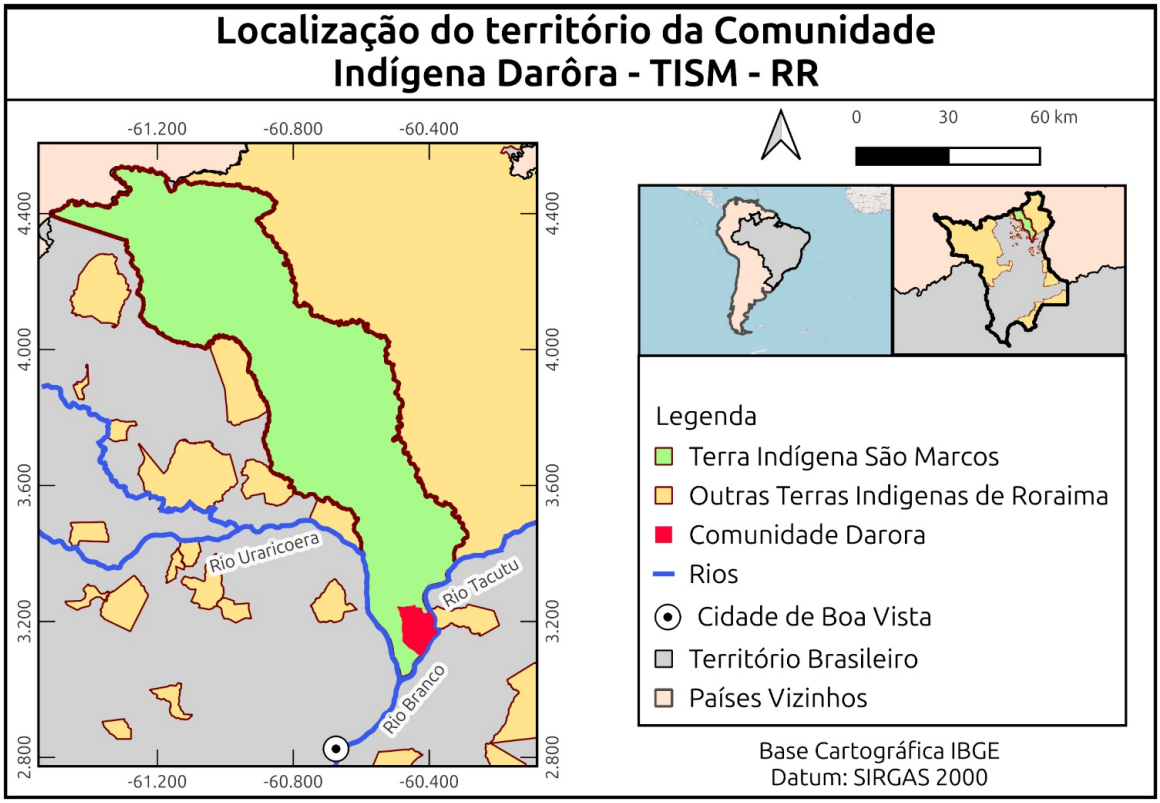
A comunidade Darôra

[3] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[4] Jesus Mota (tuxaua), entrevista realizada em 22 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[5] Fernando Augusto da Silva (morador mais antigo da comunidade e ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

A comunidade Darôra localiza-se na TISM, região nordeste do estado de Roraima, no município de Boa Vista (figura 3). Segundo dados do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI)[6], no ano de 2020 possuía a população de 252 indivíduos distribuídos em 51 famílias. Segundo seus moradores, apresenta sistema de água encanada e fornecimento de energia elétrica por rede convencional. Possui edificações de uso comunitário tais quais: a cooperativa de moradores; a escola municipal e a escola estadual; as casas de apoio (destinadas normalmente para professores de outras comunidades); a igreja; o posto de saúde; o malocão (figura 4), onde ocorrem as reuniões comunitárias; dentre outras.

Figura 3 – Localização da comunidade Darôra, na TISM, Roraima, Brasil.



Fontes: BRASIL (2010); BRASIL (2025); BRASIL (2026).

[6] Informação obtida via correio eletrônico da instituição.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Figura 4 – Malocão: local de reuniões comunitárias; ao lado o posto de saúde.



Fonte: Acervo dos autores (2020).

A comunidade Darôra foi fundada no ano de 1940 pelo senhor Paulo Augusto, morador da comunidade Xumina, localizada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, de acordo com entrevista concedida pelo morador Edmilson[7]. Sua fundação foi motivada por uma estiagem muito forte, que gerou grande escassez de água na Região das Serras, local em que o senhor Paulo Augusto nasceu. Coube ao Sr. Armando indicar ao senhor Paulo o local definitivo da comunidade, próximo à atual casa do senhor Fernando. Era um local "*limpo, esse lavrado era até na* [comunidade] *Vista Alegre, não tinha mata nem nada"*. Na beira do rio Tacutu, que passa nos fundos da casa, havia riqueza de caça e pesca. O senhor Paulo escolhe como nome Darôra, árvore que cresce na região e que tem usos diversos, como na construção das habitações.

Nos primeiros dias, prossegue Edmilson, o sr. Paulo e família ficaram abrigados, debaixo de uma árvore de manga brava. Construíram abrigos temporários conhecidos como *"tapiri,* [...] *rabo de jacu,* [...] *uma coisa muito mais simples e muito mais rápida (de ser construída), para abrigar pessoas no caso de urgência* [...] *até que fosse construindo a casa*

[7] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

definitiva". A alimentação era à base de farinha e beiju que eles traziam consigo. Por outro lado, *"o local era muito farto de caça e de peixe"*, e após o Sr. Paulo construir sua casa, fez sua roça[8].

Os senhores Fernando[9], Jesus e Edmilson descrevem as primeiras habitações da comunidade Darôra como tendo planta baixa retangular, alvenarias de pau-a-pique, cujo barro era retirado de local próximo à construção. A cobertura possuía quatro águas feitos com palha de buriti e estrutura de madeira. Esses recursos naturais eram sempre extraídos da própria comunidade, das margens dos rios e de locais próximos. Segundo o senhor Edmilson:

> Era assim que eram as casas, não tinha negócio de tijolo, adobe, que são coisas que vem [mais recentemente] [...] até mesmo um tempo nossa casa era de taipa [...] não existia quase prego, mas existia a imbira para amarrar as varas, para amarrar os caibros.

Para os entrevistados, as técnicas adotadas posteriores à palha, como pau a pique e adobe também são consideradas técnicas indígenas, e referem-se a eles como "tradicionais" ou "típicas".

Atualmente a comunidade Darôra mantém as características de uma comunidade indígena, expresso, principalmente em sua organização social e política. O tuxaua é a liderança máxima, seguido do vice-tuxaua, capataz. Também são vistos como autoridades os agentes de saúde, agente ambiental, professores. As decisões são tomadas de forma coletiva, nas reuniões que ocorrem no malocão. Nestas ocasiões decidem sobre questões diversas, como a organização territorial (locais de construção de habitações, obras coletivas demandadas pela comunidade), locais de produção (roças) e extração de recursos naturais (solo para tijolos, caça, pesca, palha de buriti e madeira), e outros assuntos de interesse.

A língua portuguesa permanece como uma herança do período colonial (Vieira, 2006). A partir de observações de campo constata-se que ela é utilizada no cotidiano entre os moradores indígenas da comunidade, em reuniões comunitárias e no ensino nas escolas locais, por exemplo. Também ficou como herança colonial a pecuária extensiva (Vieira, 2006), com rebanho coletivo - formado a partir de projetos governamentais - e o individual - formado pelas famílias que possuem alguma renda.

---

[8] Jesus Mota (tuxaua), entrevista realizada em 22 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[9] Fernando Augusto da Silva (morador mais antigo da comunidade e ex-tuxaua), entrevista realizada em 22 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

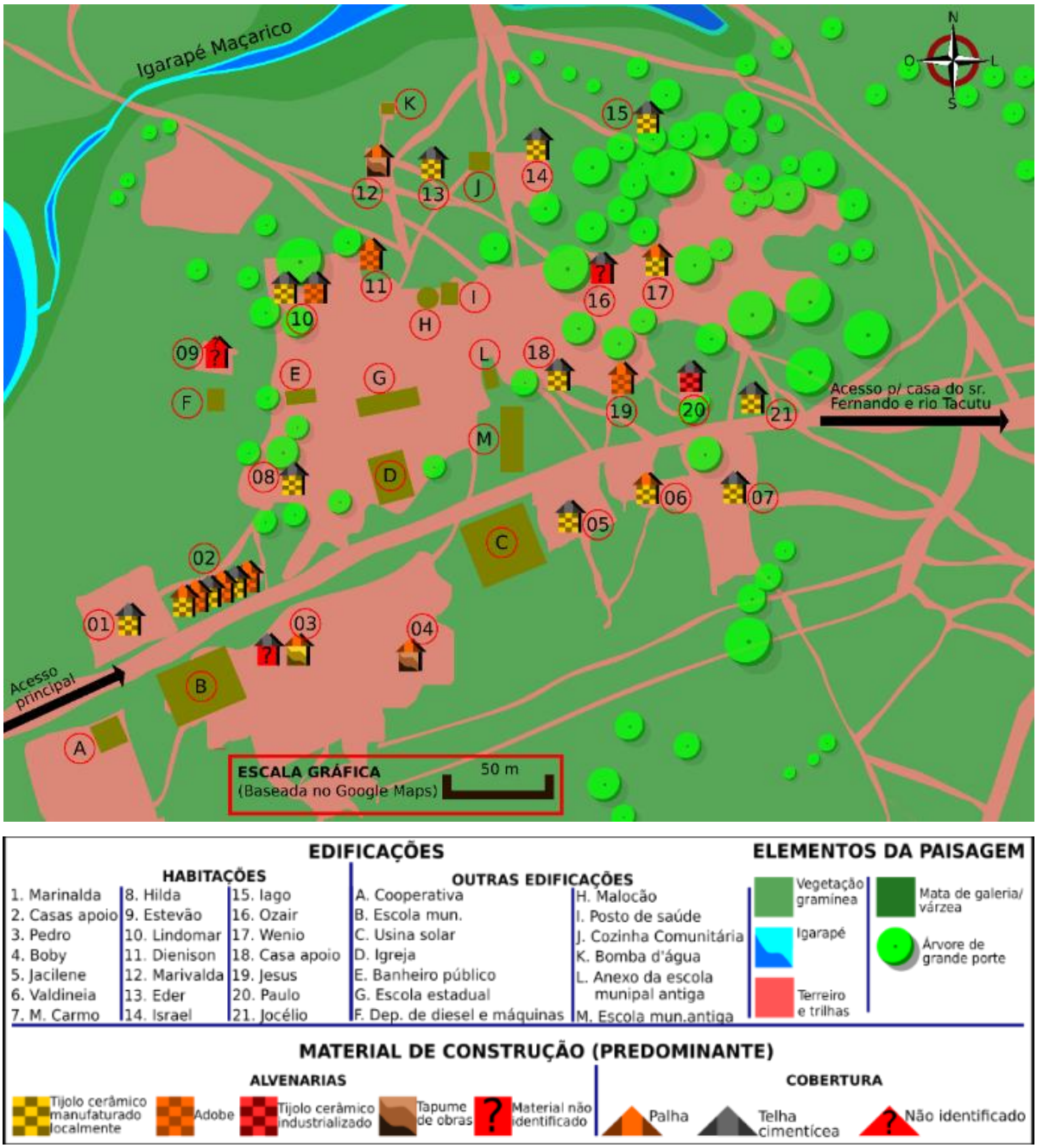
https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Observa-se nas últimas décadas o acesso ao trabalho remunerado e a abertura de rodovias, que têm permitido acesso a materiais construtivos industrializados para a construção de suas habitações, conforme levantamento da pesquisa (figura 5). A adoção destes novos materiais tem trazido alguns incômodos para seus moradores. É o caso da senhora Rosinha[10], que reside fora da área central da comunidade e que havia se mudado recentemente da sua antiga habitação de alvenaria de pau a pique e cobertura de palha (figura 6). Segundo ela, sua nova habitação de telhas cimentícias e tijolos cerâmicos, possui temperaturas internas muito elevadas, razão pela qual demorou a se acostumar. Frequentemente voltava para a sua antiga habitação para dormir, onde as temperaturas eram mais agradáveis. Atualmente já consegue dormir na nova habitação, mas necessita utilizar um ventilador para diminuir a temperatura interna.

[10] Rosinha André, entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Figura 5 – Croqui do centro da comunidade Darôra descrevendo materiais construtivos redominantes nas alvenarias e coberturas das habitações



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Figura 6 – Habitação antiga de Rosinha: cobertura de palha e alvenaria de pau-a-pique



Fonte: Acervo dos autores (2020).

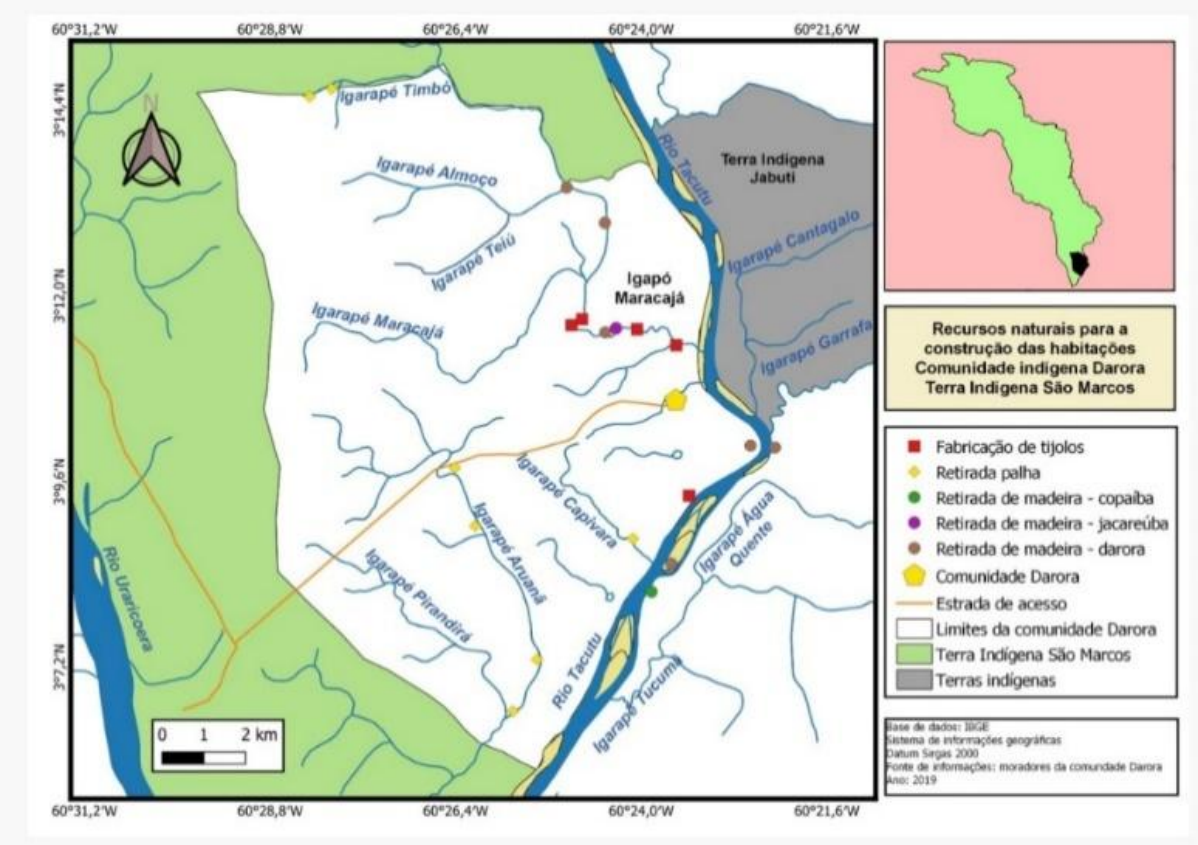
Os recursos naturais utilizados nas habitações da comunidade darôra

Na comunidade Darôra, os recursos naturais servem a diferentes finalidades, como substrato para as roças (solo) e construção de ferramentas (madeira), materiais construtivos, por exemplo. Por outro lado, o mapeamento participativo dá aos membros de uma comunidade mais controle sobre estes recursos, assim como ajuda a lidar com sua gestão (Fox et al., 2008). Assim, produziu-se um etnomapa por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com os moradores Marinalda[11] e Edmilson[12]. Através deste, foram localizados os locais de retirada dos recursos naturais utilizados na construção de habitações (figura 7), ajudando ainda a compreender como as atividades sociais são organizadas para a referida finalidade.

[11] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[12] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Figura 7 – Etnomapa da comunidade Darôra



Fonte: https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html/ Elaborado pelos autores.

De acordo com os entrevistados, utilizam-se madeiras específicas para cada finalidade[13]. Foram apontadas no mapa a copaíba, abacatirana, jacareúba e darôra. No decorrer da entrevista, foram citadas a castanheira, o miri e o macacaquiri, mas não indicaram sua localização, pois estavam absorvidos no ato de transmitir outras informações.

A copaíba é encontrada na beira do rio Tacutu, na margem localizada fora da comunidade Darôra, próxima à parte sul da ilha do Porre, de acordo com o senhor Edmilson[14]. Entretanto, a maior parte das madeiras é extraída do igapó Maracajá. No caso da darôra, *"tem muito* [...] *de uma beira a outra dele tem".* Também é encontrada no igarapé de mesmo nome, além da referida ilha e no rio Tacutu, em trecho situado ao norte da ilha,

[13] Adotou-se as terminologias utilizadas pelos entrevistados, de abrangência local, não sendo possível identificar as espécies por seus nomes científicos.
[14] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

inclusive na margem localizada fora da comunidade (margem direita). A jacareúba cresce no mesmo igapó, assim como na margem do igarapé de mesmo nome e nos igarapés Almoço e Ponta Grossa, prossegue o entrevistado. Os diferentes tipos de madeira são identificados a partir das características físicas visíveis e externas das suas respectivas árvores. Trata-se de um conhecimento transmitido de uma geração a outra.

A retirada da madeira ocorre na fase da lua nova, chamada por ele de *"época de noite escura"*, quando adquire maior qualidade e evita a ocorrência de insetos xilófagos. Na execução dos trabalhos, prossegue, os mais velhos orientam os mais novos *"*[...] *que tem mais força* [...] [que] *vão carregar* [a madeira]*, que é pesada* [...]*"*. Além disso, vão abrindo uma picada com facões no meio da vegetação para que os mais jovens possam passar com a madeira coletada.

A darôra é utilizada na estrutura da casa em função de sua resistência às cargas, relata o entrevistado, assim como na estrutura do telhado. Além disso, ela é resistente ao fogo, que *"pode arrodear ela, que ela fica fina, mas não tora não"*. A resistência às cargas também é observada na castanheira, miri e macaquiri, sobre as quais o entrevistado afirma serem *"duras"* e por isso utilizadas em *"estacas"* [pilares e vigas das habitações]. Para a manufatura de esquadrias, utiliza-se madeiras mais *"leves"*, como a jacareúba e a copaíba. Ambas têm facilidade de combustão, e a segunda apresenta resistência à ação de insetos xilófagos, além de ser utilizada *"para queimar tijolo"* cerâmico manufaturado na comunidade.

De acordo com o senhor Edmilson[15], não há regras para a extração da madeira pelos moradores da comunidade, como permissões. As ferramentas utilizadas são o machado e a motosserra, sendo o transporte realizado por meio de caminhões. Esse conhecimento é compartilhado de uma geração para a seguinte, havendo sempre o cuidado de não retirar todos os exemplares das árvores de uma mesma espécie: "*Só tira o* [...] *mais maduro e o necessário também, não pode estar tirando à toa também* [...]. *A gente não derruba tudo também, tem que deixar* [uns exemplares]*, para não prejudicar nem acabar".*

De acordo com o entrevistado, atualmente *"na nossa comunidade existe uma grande dificuldade de encontrar madeira mais grossa"* [tronco com maior diâmetro e altura], para a construção de habitações, tendo sido necessário percorrer distâncias cada vez maiores. Ele nota que o aumento populacional na comunidade contribuiu para o aumento na demanda e

[15] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

no escasseamento, opinião compartilhada pela senhora Marinalda[16]. Em comunidades vizinhas o mesmo problema é observado, segundo o sr. Edmilson: *"Antigamente era até fácil* [...] *conversava com o tuxaua, ele não vendia.* [...] *tinha com abundância, já também não tem mais.* [Aqueles que] *tem* [árvores madeireiras]*, já estão sovinando, está bem pouquinho.* [...] *a escassez é geral".*

Anteriormente, prossegue o entrevistado no centro da comunidade havia muita darôra, mas há aproximadamente cinco anos, houve um incêndio que *"queimou muita madeira, nesse período* agora [março] *do verão* [amazônico, estiagem]*"*.

> Como não tem [madeira], [...] obriga a gente a fazer isso também [construir com tijolo cerâmico e telha cimentícea]. O pessoal está vendo hoje essa grande dificuldade, necessidade de [obter] madeira, [...] mas agora não tem mais. [...] O jeito é comprar, fazer tijolo, comprar tijolo, comprar cimento, comprar madeira serrada [processada, vinda de cidades próximas].

Trata-se, segundo o entrevistado, de um processo de *"perda"* de conhecimentos tradicionais parecido com o que ocorre com *"a língua materna"*:

> Se ninguém fala, nossos filhos também não falam, quem é que vai falar? Aí nós vamos perder. Daqui pra frente ninguém mais vai falar mais, ninguém vai mais saber nem contar a história da palha, da casa, ninguém vai saber contar a história de como plantava a roça sem precisar de adubo químico [...].

Atualmente a comunidade tem discutido algumas estratégias para mitigar a escassez de madeira. A senhora Marinalda[17] afirma que numa *"reunião com o tuxaua Jesus ali na escola"* propôs realizar uma coleta de sementes das árvores que fornecem madeira, para realizar futuramente um *"reflorestamento"*. Ela acrescenta que durante uma reunião das mulheres da OMIR (Organização das Mulheres Indígenas de Roraima) na comunidade Truaru (RR) surgiu a ideia sobre trocas de sementes. Acrescenta que a coleta de sementes também poderia ser utilizada como atividade da escola da comunidade. O senhor Edmilson[18] compartilha de opinião semelhante, e relata o *"sonho"* de realizar um *"reflorestamento"* no igapó do Maracajá. Ele ainda esclarece que o gado vai muito nesse local na época da estiagem, que é problemático, pois come as mudas das árvores.

[16] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[17] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[18] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

De acordo com a entrevistada, os solos que apresentam as propriedades adequadas para a manufatura de tijolos cerâmicos localizam-se próximos a corpos d'água, como rios, igarapés e igapós, sempre adjacentes à área de *"matinha"* - a mata ciliar de igarapé. Podem estar alagados ou não em parte do ano. A proximidade de corpos d'água também facilita a obtenção de água para umedecer o solo para moldá-lo. Trata-se de áreas de lavrado com drenagem variável e excesso de água durante o ano (Santos; Zaroni; Almeida, 2003).

Afirma ainda que, atualmente, há vários locais da comunidade, denominados por seus moradores como olaria, onde se extrai o solo para a manufatura de tijolos cerâmicos. A área em que ela atualmente está trabalhando, situa-se próximo ao igapó Maracajá, *"no início"*, às margens do igarapé de mesmo nome, um local que fica inundado na época das chuvas. O senhor Edmilson afirma que a quantidade de solo a ser destinado à manufatura de tijolos é suficiente para atender as necessidades da comunidade. Inicialmente, a sra. Marinalda relata que a difusão teve início por meio dos moradores que anteriormente viviam em outras localidades e realizavam a atividade, mas que recentemente voltaram para a comunidade. Esse conhecimento começou a ser compartilhado inicialmente por meio de uma atividade comunitária. *"Veio todo mundo, crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres para um mutirão, uma ajuri* [...] *As crianças vendo aquilo já foram aprendendo"*.

A entrevistada[19] esclarece que a *"época boa para fazer tijolos"* é no início da estiagem, entre os meses de setembro e outubro. O solo ainda está úmido por causa das chuvas, e o trabalho torna-se mais fácil, como cavar, pois *"o solo ainda não está tão duro"*. Antes desse período, o *"baixão"* [situado no igapó Maracajá] está alagado, sendo impossível atravessá-lo e chegar ao local que a moradora manufatura os tijolos cerâmicos. Em abril, época em que se iniciam as chuvas, os trabalhos são encerrados. A entrevistada relata que normalmente os grupos de pessoas envolvidas na manufatura de tijolos são famílias, que permanecem o dia inteiro ocupados com a atividade.

Na atividade, afirma a entrevistada, existe uma divisão do trabalho em função do gênero e da idade. Inicialmente, o solo umedecido previamente ou não, é escavado, retirado e colocado sobre uma lona. Em seguida é pisoteado e vai recebendo água aos poucos, até que fique úmido e bastante *"machucado"*. As fibras vegetais, como raízes e capim, vão

[19] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

sendo retiradas ao longo do trabalho. Atingido esse ponto, o solo está pronto para ser colocado na forma para fazer o tijolo (figuras 8-9).

Figura 8 – Local de escavação do solo



Fonte: Acervo dos autores (2020).

Figura 9 – Forma de tijolo manufaturado



Fonte: Acervo dos autores (2020).

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Após desenformado, prossegue, o tijolo ainda cru é seco ao sol antes de ser queimado (figura 10). Estas etapas, realizadas por homens e mulheres, podem ser feitas num mesmo dia ou concluídas no dia subsequente. Neste caso, enrola-se o solo pisoteado numa lona para que conserve a umidade. As mulheres também cozinham; por outro lado, o empilhamento dos tijolos crus para serem queimados (figura 11) é realizado pelos homens. *"Crianças de sete, oito anos"* ajudam e *"os idosos vem mais para olhar"*.

Figura 10 – Tijolos secando para queima posterior



Fonte: Acervo dos autores (2020).

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Figura 11 – Tijolos secos prontos para a queima



Fonte: Acervo dos autores.

Para umedecer o solo, afirma a entrevistada[20], retira-se a água do rio com um balde, com o qual enche-se um recipiente plástico de 200L, que possui uma tubulação direcionada para o local de sua extração. Em algumas *"olarias"*, utiliza-se uma bomba para esta finalidade. Utiliza-se ainda como ferramentas a enxada, *"enxadeco"*, pá e as formas, que precisam ser imersas em água para que o solo não fique aderido em suas paredes e gere um bloco defeituoso. Posteriormente os tijolos são retirados do local por meio de caminhões e tratores e empilhados próximo ao local da obra.

De acordo com a senhora Marinalda, a identificação do solo se dá inicialmente por meio do toque, *"quando é molhado suja bastante a mão, só de olhar não é possível identificar*". Além disso é importante notar se há *"liga"*, e em caso positivo, é possível *"machucar o solo"* deixando-o como uma *"massinha".* É possível fazer uma *"linguiça"* e ele não quebra. Ela ainda afirma que experimenta fazer uma *"panelinha"* com o solo para testar se ele possui essas características. Este tipo de solo quando umedecido fica *"liso e mais frio"*. Após moldado, seca com poucas rachaduras.

[20] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Observa-se que o conhecimento etnopedológico consegue relacionar aspectos de simples percepção e identificação - como cor, textura e vegetação - com aspectos práticos, cognoscíveis (Franca; Silveira, 2015). Para Minke (2015) a argila apresenta minerais cuja maioria possui cátions intercambiáveis, que influenciam diretamente a capacidade aglutinante (que a entrevistada denomina de "liga"), assim como a resistência à compressão. O autor acrescenta que o percentual correto de agregados (areia etc.) junto ao solo argiloso diminui a sua retração, evitando rachaduras como a descrita pela entrevistada.

Segundo a entrevistada[21], durante a *"queima"*, o solo melhor *"fica com um som tim-tim"*, semelhante à sua unha batendo no tijolo. Quando feito com solo adequado, o tijolo também é mais resistente às cargas, e o segredo de acordo com a entrevistada, começa no preparo: o tijolo precisa estar bem pisado, machucado. Há a quantidade correta de água e o tempo correto de amassar com os pés. São os cuidados mais importantes, assim como o tipo de solo.

De acordo com a senhora Marinalda, para iniciar a manufatura dos tijolos cerâmicos, é necessário solicitar autorização na assembleia da comunidade, que geralmente ocorre no malocão da comunidade, na sua parte central. Trata-se de forma de controle do território e uso dos recursos naturais exercidos pela comunidade. Na ocasião também se pergunta a respeito de outros possíveis interessados em realizar a atividade. Normalmente os tijolos são feitos para uso próprio, embora possam ser feitos também para a venda para moradores da comunidade. A entrevistada, não nota grandes alterações no local de retirada do solo. Se inicialmente a cobertura vegetal é retirada, *"já no ano seguinte ela já cresce novamente"*, relatando ainda que não houve casos de erosão.

De acordo com o senhor Edmilson[22], a única palha usada na construção de habitações é a do buriti (figura 5 e figura 6), cuja ocorrência acompanha as margens inteiras e cabeceiras dos igarapés Capivara, Ponta Grossa, Maçarico, Aruanã e Maracajá e Timbó. São lugares relativamente planos, com solos pouco pedregosos, que alagam na época da chuva. Os conhecimentos sobre a palha são compartilhados dentro da comunidade, transmitidos através das gerações sucessivas, tendo sido objeto de seminários na comunidade, "*por que nós estamos praticamente perdendo a nossa cultura* [...]", prossegue

[21] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[22] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

Edmilson[23]. A senhora Marinalda[24] prossegue afirmando *"*[...] *por que futuramente* [...] *vai ter pessoa na comunidade que não sabe como trabalhar* [...] *tiração de palha, como construir uma casa"*. Ambos os entrevistados demonstram dessa forma uma preocupação com o futuro da comunidade e do uso dos recursos naturais, bem como a falta de interesse das novas gerações por essas atividades.

De acordo com o senhor Edmilson, para que a palha tenha uma maior duração, *"tem que ser retirada no tempo certo"*, de *"noite escura"* [fase de lua nova]. *"Então trabalhando ela de forma adequada, bem juntinha ela dura de 15 a 30 anos"*. O *"período do vento"*, que corresponde aos meses de estiagem janeiro-março é ideal para a retirada da palha, pois o vento faz com que a palha caia longe daquele de quem a retira, evitando acidentes, além da ocorrência de menos umidade. Quando o uso da palha é comunitário, *"o tuxaua convoca a comunidade para o trabalho comunitário"*, mas quando visa uma necessidade individual *"a própria pessoa se programa para tirar* [...] *com sua família, seus filhos ou sozinho"*, não precisando de permissão prévia.

Sobre a divisão do trabalho, a senhora Marinalda afirma: *"quando é na família, o pai ou a mãe sobem para tirar a palha e os demais ficam no chão puxando a palha, um cortando, outro arrastando"*. Quando há um filho um pouco mais velho, este também sobe para retirar a palha. É um processo em que os maiores vão se alternando na retirada de palha e os demais carregando as palhas para a beira do buritizal para esperar sua secagem. Quando a retirada de palha é feita perto de casa, a comida é feita na própria casa, caso contrário, como foi no igarapé Almoço ou Maracajá, *"foi uma turma,* [...] *uns foram cozinhar, outros foram tirar* [palha]*, outros carregar* [palha]*, e uma mulherada lá cozinhando"*. De acordo com o senhor Edmilson[25], uma vez retirada a palha, essa é estendida, depois é fechada, e levada até a obra em que será utilizada. Ainda segundo o entrevistado, anteriormente utilizava-se uma foice *"do tipo que corta arroz"*, mas atualmente, utiliza-se a lâmina do facão amarrada num pedaço de vara que serve de cabo. Este deve ser de madeira dura, como timbó, galho de laranjeira e outros. É uma atividade executada pelos homens da família, pois exige força física, que permanecem no chão e precisam manejar o longo cabo da ferramenta. É identificada

[23] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[24] Marinalda (vice-tuxaua), entrevista realizada em 5 de março de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.
[25] Edmilson Silva de Albuquerque (ex-tuxaua), entrevista realizada em 28 de janeiro de 2020, na comunidade Darôra, Boa Vista/RR.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

visualmente pelo fato de crescer em palmeiras do fruto buriti; quanto mais madura, de coloração verde mais clara e amarelada, mais resistente; já a palha mais nova é *"mais fraca"*. A palha é escolhida porque, diferentemente das telhas cimentícias, *"ela é fria"*, deixando o interior das habitações com temperaturas mais baixas, prossegue o entrevistado.

Este ainda afirma que o processo de retirada está descaracterizando a paisagem, pois deixa as palmeiras com poucas folhas, mas apenas nesta época específica. Mas isso se acentua quando *"tocam fogo no buritizal"*. Ele esclarece que é necessário ter o cuidado de não cortar o *"olho dela todo*", pois assim, *"ela já começa a brotar em poucos dias"*. O entrevistado ainda relata a importância de cortar *"pouca palha de cada vez"*, para que a árvore possa se regenerar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos recursos naturais utilizados na construção das habitações das etnias Macuxi, Wapichana e Taurepang na Terra Indígena de São Marcos têm passado por um processo contínuo de transformação, onde é possível observar uma transição da arquitetura vernacular para a arquitetura popular. Inicialmente estas populações utilizavam fibras vegetais como madeira e palha. Já na década de 1940, período de fundação da comunidade Darôra, se observa o emprego de técnicas de terra crua nas alvenarias. Recentemente incorporou-se o tijolo cerâmico produzido localmente, assim como materiais industriais como o cimento e as telhas cimentícias. Tal processo trouxe alguns incômodos aos seus moradores, a exemplo das altas temperaturas internas de suas habitações.

A adoção desses novos materiais tem relação com as novas configurações do espaço geográfico da comunidade Darôra. Moradores passaram a exercer trabalho remunerado, garantindo acesso aos recursos financeiros necessários para adquiri-los, propiciado também pelas vias de acesso até a comunidade.

Por outro lado, a maior parte dos recursos naturais utilizados na construção de habitações atualmente – madeira, solo e palha - encontram-se juntos a corpos d'água como rios, igarapés e igapó. A escassez dos recursos naturais têm sido objeto de preocupação da comunidade Darôra, gerando debates e ações.

Observa-se escassez dos diversos tipos de madeira utilizados na construção das habitações. O solo utilizado para a manufatura de tijolos cerâmicos, atualmente, não é objeto de preocupação da comunidade, considerado abundante. Sua retirada não tem ocasionado

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

danos como erosão, e a cobertura vegetal têm voltado a crescer poucos meses após se encerrem as atividades no local. A diminuição da palha de buritizeiro é sazonal e passageira, relacionada à época de retirada.

Observa-se o uso de etnoconhecimentos aplicados à geomorfologia (identificação dos solos). Mecanismos tradicionais de reciprocidade são utilizados na extração de recursos naturais.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais

Edmilson Silva de Albuquerque morador da comunidade Darôra, e ex-tuxaua.

Fernando Augusto da Silva, morador mais antigo da comunidade Darôra, filho do seu fundador e ex-tuxaua.

Jesus Mota (tuxaua), morador da comunidade Darôra, e tuxaua.

Marinalda moradora da comunidade Darôra e vice-tuxaua.

Rosinha André, moradora da comunidade Darôra.

Fontes Bibliográficas

BRASIL. Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico/ ANA. **Países: América do Sul**. 2010. *Shapefile*. Disponível em: https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/ srv/api/records/7cfd53c4-b4e1-4aba-a79b-857a19649df6. Acesso em: 29 out. 2026.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio/FUNAI. **Processo FUNAI – 08620-2/66/90, referente à Solicitação das comunidades da Área Indígena São Marcos, externando a intenção de que a vila de Pacaraima (BV-8) seja excluída daquela área**. Brasília, DF 08 nov. 1990.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio/FUNAI. **Terras Indígenas do Brasil: Roraima**. 2026. *Shapefile*. Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/geoprocessamento-e-mapas. Acesso em: 29 out. 2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE. **Brasil: Unidades da Federação**. 2025. Shapefile. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html. Acesso em: 29 out. 2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2a edição. Rio de Janeiro 2004.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

CAMPOS, C. (Org). **Diversidade socioambiental de Roraima**: subsídios para debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. 64 p. Disponível em: <http://site-antigo.socioambiental.org/banco_imagens/ pdfs/10403.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

COLIN. S. **Uma introdução à arquitetura**. São Paulo: Uapê, 2007.

FOX, J. et al. O poder de mapear: efeitos paradoxais das tecnologias de informação espacial. In: _____ (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p. 71-84.

FRANCA, A. S.; SILVEIRA, N. C. Representação do etnoconhecimento sob a ótica da epistemografia interativa. *In:* Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação, 16, 2015, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB. Disponível em: http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000017648/6036e30f3e4a8f30e006f20fa2cdc0ce. Acesso em: 17 nov. 2020.

GASCHÉ, J. De hablar de la educación intercultural a hacerla. **Revista Mundo Amazónico**. Letícia (Colômbia), v. 1, n. 1, p. 111-134, 2010. Disponível em: < http://bdigital.unal.edu.co/14986/ >. Acesso em 2 jan. 2019.

GASCHÉ, J. et al. **Niños, maestros, comuneros y escritos antropológicos como fuentes de contenidos indígenas escolares y la actividad como punto de partida de los procesos pedagógicos interculturales: un modelo sintáctico de cultura**. In: BERTELY BUSQUETS, M.; DIETZ, G.; TEPECA, M. G. D. (Coord.). Estado del conocimiento: área 12 multiculturalismo y educación. México, D. F.: ANUIS, Dirección de Medios Editoriales, 2013. P. 41-79.

GHISLENI, C. O que é arquitetura vernacular?. **Archdaily**, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/951326/o-que-e-arquitetura-vernacular. Acesso em: 2 jan. 2026.

ICOMOS. **Carta sobre o património construído vernáculo**. México: 1999. Disponível em https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/40%20Carta%20patrim% C3%B3nio%20vern% C3% A1culo%201999.pdf. Acesso em: 02 jan. 2026.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

KOCH-GRUNBERG, T. A distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá. Manaus: Editora INPA/ EDUA, 2006. 151p.

LIMA JÚNIOR, G. C. de B. **Arquitetura vernacular praieira**. Recife: Genival Costa, 2007. 189 p.

MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2010. 160 p.

MINKE, G. **Manual de construção com terra: uma arquitetura sustentável**. São Paulo: B4, 2015. 228 p.

OLIVEIRA. K. da L.; BETHONICO, M. B. de M. **Dinâmicas espaciais na Terra Indígena São Marcos - RR: um olhar a partir da introdução de objetos artificiais. Revista Eletrônica Casa de Makunaima (Online),** Boa Vista-RR, v. 2, n. 3, p. 29-47, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/casa_de_makunaima/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

RIBEIRO, B. (coord.). **Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. V. 2. Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes/ Finep, 1987.

SANTILLI, P. **Pemongon Patá: território Macuxi, rotas de conflito**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SANTOS, H. G. dos; ZARONI, M. J.; ALMEIDA, E. de P. C. Argissolos Bruno-Acinzentados. [2003?]. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/solos_tropicais/arvore/CONT000gn362ja202wx5ok0liq1mq1l77o4j.html>. Acesso em 20 mai. 2019

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996. 258 p.

SOUZA, M. F. E. Arquitetura do morar: do vernacular ao popular. **Revista Projetar Projeto e Percepção do Ambiente**. Natal, v. 7 n. 3, p. 117-129, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/issue/view/1243. Acesso em: 31 dez. 2025.

TEIXEIRA, R. B. Arquitetura vernacular: em busca de uma definição. **Arquitextos**, São Paulo, 2017. Disponível em: https://vitruvius.com.br/ revistas/read/arquitextos/17.201/6431. Acesso em: 2 jan. 2026.

UNWIN, Simon. **Exercícios de arquitetura: aprendendo a pensar como um arquiteto**. Porto Alegre: Bookman, 2013. 212 p.

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-7

VENTURI, A. B. Recurso natural: a construção de um conceito**. Geousp – Espaço e Tempo**. São Paulo, v. [?] n. 20, p. 9-17, 2006. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp20/Artigo_Luis.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

VIEIRA, J. G. **Missionários, Fazendeiros e Índios em Roraima: a Disputa pela Terra**. Boa Vista (RORAIMA): Editora UFRR, 2006.

WEIMER, G. **Arquitetura indígena: sua evolução desde sus origens asiáticas**. Porto Alegre: Edigal, 2018. 390 p.

WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 334 p.

ZHAI, J.; PREVITALI, J. M. Ancient vernacular architecture: characteristics categorization and energy performance evaluation. **Energy and Buildings**. [S.l.] v. 42, n. 3, p. 357–365, 2010.

Todos os(as) autores(as) declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

Recebido em: 25/03/2025 | **Aceito em:** 02/11/2026